

Identidade feminina na literatura judaica ortodoxa brasileira

DANIELA SUSANA SEGRE GUERTZENSTEIN*

RESUMO: A crítica literária serve para identificar a diversidade dos princípios morais e éticos de valores que fundamentam padrões sexistas de pertencimento / inclusão / exclusão das diferentes religiões e culturas em seus ambientes sociais. Foi realizada uma análise qualitativa de conceitos sexistas selecionados na literatura bíblica hebraica e na literatura judaica ortodoxa publicada em português. O objetivo desse artigo é apresentar o “feminismo às avessas”, caracterizado pela submissão e cumplicidade na perpetuação de práticas decretadas através de uma literatura chauvinista com contínuos confrontos sexistas. No caso apresentado, a fidelidade dos usuários à produção literária em português transforma seus fiéis discípulos em reles seguidores do rebanho de líderes carismáticos institucionais e em membros de suas comunidades globais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade feminina; Judaísmo ortodoxo; Literatura; Religião; Sexismo.

ABSTRACT: Literature criticism serves to identify the diversity of moral and ethical values that underlie sexist patterns of belonging / inclusion / exclusion of different religions and cultures in their social environments. A qualitative analysis of sexist concepts selected in Hebrew biblical literature and in orthodox Jewish literature published in Portuguese was conducted. The aim of this article is to present the “reverse feminism”, characterized by female submission and complicity in the perpetuation of practices enforced by a chauvinist literature that reveals continuous sexist conflicts. In the case presented, users’ fidelity to orthodox Jewish literature published in Portuguese turns them into faithful disciples, followers of institutional charismatic leaders and members of their global communities.

KEYWORDS: Female Identity; Literature; Orthodox Judaism; Religion; Sexism.

* Doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas pela Universidade de São Paulo – USP. Pós-doutora; bolsista CAPES (01/07/ 2014 - 30/06/ 2019) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Departamento de Sociologia – FFLCH – Universidade de São Paulo – USP – 05508-010 – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: guertzenstein@uol.com.br

Introdução

O tema apresentado faz parte de uma pesquisa de pós-doutorado que tem como objetivo investigar a identidade feminina judaica ortodoxa, a doutrinação das meninas nas escolas judaicas ortodoxas e a alienação destas através da difusão e consumo de uma extensiva produção midiática judaica ortodoxa.

O público feminino judaico ortodoxo aprende, desde a mais tenra idade, a criar uma rede de razões pessoais para suprir a sensação de uma segurança pessoal que visa à sublimação das práticas dos costumes judaicos ortodoxos, fundamentados na moralidade religiosa e, principalmente, no temor ao castigo, no dever de se comportar de acordo com a vontade do criador do universo, o Deus de Israel, que tudo pode e tudo faz.

A globalização de diferentes comunidades judaicas ortodoxas revela-se na sublimação de seu universo simbólico, dos mitos de seus fundamentos doutrinários, das hierarquias comunitárias que migram através das redes transnacionais de suas instituições globais. Isso ocorre em um contexto em que os crentes vivem com a missão de transmitir e perpetuar os mitos e práticas de sua crença religiosa, de modo que sua descendência seja identificada através dessas práticas acima de quaisquer outras tendências sociais.

A consciência crítica que as mulheres judias ortodoxas têm de sua autonomia, a trelamento social e pertencimento à comunidade judaica ortodoxa perpassam o tema deste artigo.

Identidade feminina na educação judaica ortodoxa

No judaísmo ortodoxo as pessoas de sexo feminino não são reconhecidas como testemunhas para as cerimônias de casamento, divórcio e outros compromissos entre os judeus ortodoxos. Não podem participar de cerimônias litúrgicas judaicas ortodoxas públicas. Contudo, a elas é permitido assistir, sendo, inclusive, ordenado que estejam presentes em algumas delas.

O programa escolar do ensino médio das instituições femininas judaicas ortodoxas prejudica a inserção de suas estudantes em ambientes acadêmicos e a inclusão profissional fora dos ambientes judaicos ortodoxos.

O público feminino é doutrinado para o casamento, alienado ostensivamente por meio dos produtos midiáticos produzidos para mulheres em conformidade com a supervisão dos líderes de suas instituições religiosas. As meninas são segregadas da sociedade devido à popularização, entre elas, da necessidade religiosa que elas têm de que estar sempre vestidas com roupas longas, e de que elas são proibidas de frequentar sozinhas lugares públicos e de se confraternizar com estranhos.

Quando as estudantes terminam o ensino médio, procuram centros para preparação de professoras de judaísmo que contam com alguns poucos cursos técnicos profissionalizantes em instituições de redes transnacionais de suas comunidades judaicas ortodoxas globais.

Apesar das condições adversas da educação feminina judaica ortodoxa para a autonomia e inclusão no mercado de trabalho, a literatura judaica contém, desde a antiguidade, exemplos das mais diversas identidades femininas: esposas, irmãs, noras, prostitutas, juízas, guerreiras entre outras figuras relevantes na narrativa bíblica; apesar de as mulheres não serem contabilizadas no censo (masculino) bíblico.

É relevante lembrar que os textos consagrados pelas doutrinas religiosas são continuamente reinterpretados com o objetivo de reconstruir arquétipos sexuais fundamentados nas figuras míticas da literatura para legitimar ou criminalizar condutas sociais.

Esse artigo tem como proposta estritamente apresentar alguns arquétipos femininos judaicos ortodoxos encontrados nos textos bíblicos hebraicos e na literatura judaica que servem de modelos de feminilidade na doutrinação das fiéis pupilas membros da comunidade judaica ortodoxa.

Hipóteses que orientaram a pesquisa

O doutrinamento dos pupilos dos líderes de instituições judaicas ortodoxas que fizeram parte desta pesquisa e a difusão, através dos meios de comunicação, dos discursos focados num público específico implica à popularização dos discursos destes sobre os valores, objetivos e missões religiosas investindo na alienação de seus usuários. A padronização da reprodutibilidade técnica impede a transmissão de um conhecimento individualizado mais profundo e contribui para a banalização de costumes e dos princípios dogmáticos como leis gerais indiscutíveis e imutáveis, da dicotomia entre o certo e o errado de uma moralidade absoluta que age, inclusive, na supressão da autonomia feminina.

As transformações da realidade social fazem com que os conceitos que definem as identidades pelas características sexuais sejam reinterpretados, legitimando a remodelação de novas identidades. A inclusão da mão de obra pela industrialização possibilitou a emancipação feminina através da isonomia de direitos por serviço prestado. Já os discursos religiosos sublimam a inclusão social através de características sexistas em que prevalecem interesses chauvinistas e direitos masculinos sobre os femininos.

O discurso judaico ortodoxo fundamenta-se numa hipotética noção de “inteligência”, que confere ao seu portador consciência e capacidade de submissão voluntária as suas autoridades religiosas. Este tipo de subordinação nutre a ilusão de autonomia de decidir sobre as próprias ações. O livre-arbítrio aqui descrito é reconhecido religiosamente como “o direito de dever *optar* pelo bem” condizente a moral judaica ortodoxa.

O livre-arbítrio feminino emancipa a mulher para ser responsável pela sua autoflagelação, que tem como objetivo que ela convença a si mesma que todas as suas atividades cotidianas sejam realizadas de modo a perpetuar os costumes sexistas judaicos ortodoxos. Neste paradigma a mulher é consagrada como esposa. A esposa é destinada a ser uma mãe responsável que satisfaz todas as necessidades de seu marido e filhos, e, que,

orienta os homens estudar de modo que, eles, junto com seus líderes religiosos chefiem suas instituições e famílias.

O discurso revolucionário do século XX exaltava a ilusão pós-moderna da autonomia de uma liberdade consumista, que hipoteticamente permite que pessoas troquem de ambientes e ideologias como bens descartáveis. Esta abordagem percebe o discurso judaico ortodoxo como uma frente contrarrevolucionária contrária a cultura de massa.

Assim também os judeus ortodoxos produzem sua literatura privativa e rejeitam compartilhar programações em ambientes públicos e de se confraternizarem com desconhecidos, como se tentando se desvincular dos simbólicos tentáculos digitais das redes virtuais de um mercado que acreditamos é cada vez mais global.

Fundamentação teórica

A pesquisa histórica realizada mostrou que o Iluminismo francês no século XVIII resgatou o racionalismo grego da interpretação do mundo por meio da lógica e da observação como regras cartesianas para a produção do conhecimento científico. Nesse paradigma, as religiões são analisadas nos limites simples da razão (KANT, 1973). Contudo, a secularização das instituições religiosas representa o uso de uma razão inadequada, de um discurso lógico para explicar valores míticos e conceitos sobrenaturais e justificar moralmente a consagração de suas missões e práticas.

O projeto da racionalidade iluminista e a difusão de conhecimentos através da reprodutibilidade técnica dos meios de comunicação, discutidos por Walter Benjamim, são manifestações da emancipação tecnológica para uma sociedade melhor (LIMA, 1990, p. 209-240).

A pesquisa sobre meios de comunicação realizada reconhece que Max Horkheimer e Theodor Adorno criaram o termo “Indústria Cultural”, pelo qual ficaram conhecidos na Escola de Frankfurt, em 1929, com pesquisas que visavam entender a modernização e a evolução industrial na sociedade. A indústria cultural desses autores refere-se aos grandes conglomerados midiáticos, detentores de meios de comunicação, que padronizam a produção de bens culturais, notícias, serviços etc. Adorno criticou a cultura de massas e a inadequação da reprodutibilidade técnica, que resulta na popularização de produtos padronizados e na banalização de seu consumo.

Horkheimer e Adorno denunciam também a instrumentalização da razão e, por conseguinte, do conhecimento, cujo objetivo é voltado para a técnica e a eficácia de seus interesses em detrimento da busca pelo saber e pela verdade (LIMA, 1990, p. 159-208).

Tratando agora sobre religiões lembremos que Max Weber classificou cinco religiões mundiais, por se preocupar com a dimensão ética de suas instituições religiosas, na medida em que percebeu como a visão de universo e preceitos de lideranças doutrinárias é determinante nas interações sociais.

A *globalização*, segundo Anthony Giddens (2002), é a dinâmica do mercado mundial nas regiões, que acarreta a pluralização de contextos de ação e a diversidade de escolhas, fatores cada vez mais importantes na constituição da autoidentidade e na transformação da intimidade, da atividade diária e dos estilos de vida amplamente difundidos nas formas de comportamento e no consumo.

Como essa pesquisa apresenta um segmento identifica características sexistas de uma identidade religiosa lembremos que, segundo Bourdieu (2015), a revolução do conhecimento não deixa de ter consequências na prática e, particularmente, na concepção das estratégias destinadas a transformar o estado atual da relação de forças material e simbólica entre os sexos.

Portanto, se é verdade que o princípio da relação entre sexos não reside dentro da unidade doméstica, sobre o qual o discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a Escola ou o Estado, às lutas feministas devem combater todas as formas de dominação sexista.

A modernidade e a globalização possibilitam a formação e a transformação de identidades. Isto porque a multiplicidade de escolhas permite a mutação de estilos de vida, que implicam diretamente no pertencimento social. Tais fatores justificam, em parte, a quantidade de pessoas que convertem seus comportamentos a outros estilos de vida.

Pierre Lévy (2003) acredita que não são mais as identidades étnicas e nacionais que fazem diferença entre os grupos sociais, mas as qualidades de “inteligência coletiva”, a qual pode ser explicada como conhecimento partilhável pela humanidade. E é neste contexto da alta modernidade que a tradição local perde o seu domínio. E, como Giddens (2002) escreve, ela passa a fazer parte do “desencaixe” das instituições sociais. Ou, como Bauman (2005) teoriza, as tradições são como “fragmentos” da sociedade e, na modernidade, suas “autoridades” passam a ser entendidas somente como peritos de seus respectivos desencaixes institucionais pós-modernos.

A educação feminina judaica ortodoxa consiste em práticas socializantes que visam à preservação da identidade. A socialização, no contexto da tradição, ocorre em ritos de discriminação feminina, porque o destino da mulher é colocado como ser dona de casa, esposa e mãe, dominada pela lógica masculina. Nesse contexto, entende-se a construção do gênero a partir do *habitus* de Bourdieu, da “hegemonia cultural” de Gramsci e da “prisão psíquica” de Morgan (BOURDIEU, 1999; GRAMSCI, 2011; MORGAN, 1996).

A pesquisa sobre o modelo de identidade feminina judaica ortodoxa visa contribuir para possibilitar a comparação de arquétipos de figuras femininas e de construções de maternidade associadas ao complexo de Édipo, de Freud, nos cantos e contos da literatura judaica ortodoxa publicada em diversos idiomas. Para tanto, serão apresentadas as figuras femininas principais dos processos de doutrinação e alienação judaica ortodoxa que condicionam a inclusão/exclusão profissional das mulheres judias ortodoxas (JUNG, 2002; FREUD, 1996).

Identidade feminina na literatura judaica ortodoxa

A literatura bíblica hebraica e rabínica está repleta de figuras sobre a identidade feminina, que estruturam o inconsciente coletivo dos discípulos desse universo simbólico. A tradução da Bíblia Hebraica diretamente do texto hebraico permite entender uma simbologia diferente de muitas traduções clericais: o texto é iniciado com a narrativa da criação do mundo, que tem como auge a criação do primeiro humano, nominado como Adão (parte da palavra “terra”, *Adamá*, em hebraico). Um ser macho-fêmea foi criado (*zahar u’nekevá bará oto*): Adão sentiu-se só e, de uma parte dele, o criador fez um novo corpo. Eva foi criada, segundo o versículo, em contraposição a Adão (*ke’negdo*).

Adão culpa Eva, primeira mulher na narração bíblica hebraica, pela desobediência ao criador, que levou ao pecado original e à expulsão do paraíso. As matriarcas israelitas ilustram a maternidade judaica e Raquel, que falece dando à luz a um filho; ilustra a feminilidade chorosa maternal sofredora aclamada nas liturgias judaicas como Raquel Nossa Mãe (*Rahel Imenu*).

A sepultura da matriarca israelita Raquel (na periferia da cidade palestina de Belém (*Bet Lehem*), em lugar anexado através de um corredor ao Estado de Israel) revela como o impacto da difusão de uma figura mítica judaica no imaginário popular religioso israelense manifestam a necessidade da extensão da muralha divisória entre os dois países, para permitir o acesso cotidiano com segurança de dezenas de peregrinas israelenses. Essas ensinam para as filhas que as mulheres israelitas recitam salmos, preces e lamentações na busca de redenção para garantir o acesso de mais milhares de pessoas de diferentes origens que visitam os túmulos dos patriarcas e matriarcas hebreus nas festividades judaicas, nas férias e em outras datas.

A educação feminina judaica ortodoxa é padronizada em programas curriculares, que zelam pelo ensino da prática das leis judaicas, ilustrada com a literatura bíblica hebraica na construção da identidade feminina. A história autorizada é a articulação de narrativas que legitimam os objetivos morais dos discursos de lideranças comunitárias. A educação masculina judaica ortodoxa abrange o aprendizado dos textos de tratados talmúdicos de discussões sobre costumes e práticas em que a mulher existe com o objetivo de ajudá-lo a servir ao criador, cumprindo seus mandamentos.

Pode-se entender então que a primeira descrição de gênero relacionado na espécie humana na Bíblia Hebraica ocorre em Gênesis; na criação do primeiro ser humano, quando *macho-fêmea* criou-os. Portanto cabendo a interpretação conforme a exegese rabínica que o primeiro corpo humano foi criado andrógino. Já a primeira mulher bíblica, Eva, foi criada posteriormente, a partir de uma vértebra do corpo andrógino e hermafrodita do primeiro humano. E o corpo da mulher, Eva, é a matriz fundamental que detém o poder de gerar vida.

A identidade feminina criada juntamente com a identidade masculina no primeiro humano, a matriz feminina de mulher geradora da humanidade e outras contextualizações vinculadas ao status do gênero sexual feminino no texto bíblico hebraico recebem

uma nova e precisa descrição muito ilustrativa no Livro de Provérbios 12:4 da Bíblia Hebraica: Nesse versículo a mulher virtuosa é descrita como o adorno da testa de seu dono (traduzido como a coroa de seu marido) e a mulher que envergonha seu dono, ela é identificada como a podridão dos ossos dele. A palavra *baal*, significa dono em hebraico, e é usada até os dias de hoje para marido.

O hábito de cantar *Eshet Hail*, do Livro Provérbios 31: 10-31 da Bíblia Hebraica - título entendido em português como “Mulher de Valor”, impresso em todos os livros de liturgia judaica ortodoxa, todas as sextas-feiras antes da consagração do jantar sabático - ilustra a doutrinação, a alienação através do louvor e de manifestações artísticas populares entre os judeus ortodoxos, revelando a perpetuação de uma hierarquia de valores em suas atividades diárias, de seus hábitos, da arte produzida, fortalecendo o domínio masculino sobre a identidade feminina através de suas tradições.

O canto bíblico *Eshet Hail* é também entoado pelo cantor religioso enquanto a noiva é levada ao esposo na cerimônia do casamento. *Eshet Hail* é um poema acróstico, em que cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico, em sequência.

CANTO ESHET HAIL: MULHER VIRTUOSA
(SIDUR TEHILAT HASHEM, 2014 p. 168–169)

Quem pode encontrar uma mulher virtuosa? Seu valor excede em muito o das jóias. O coração de seu esposo confia nela, benefício não lhe há de faltar. Ela o trata com bondade, nunca com maldade, todos os dias de sua vida. Ela procura lã e linho e trabalha de bom grado com suas mãos. Ela é como os navios mercantes; traz seu alimento de longe. Levanta-se enquanto ainda é noite, alimenta seu lar e estabelece as tarefas para suas criadas. Ela avalia um campo e o adquire; de seu lucro planta um vinhedo. Ela cinge seus lombos com a força e dobra os braços. Ela está ciente de que seu empreendimento é proveitoso; sua lâmpada não se apaga à noite. Ela põe suas mãos sobre o fuso, e suas palmas empunham a roca [de fiar]. Ela oferece sua mão ao pobre, e estende suas mãos ao necessitado. Ela não teme por seu lar durante o frio, pois toda sua família está vestida [e aquecida] com lã escarlate. Ela faz sua própria tapeçaria; suas vestes são de fino linho e púrpura. Seu marido é famoso nos portais, quando ele senta-se com os anciãos da terra. Ela fabrica roupa branca e [a] vende, ela provê cinturões aos mercadores. Força e dignidade são seus trajes; ela olha sorridente para o futuro. Abre sua boca com sabedoria e o ensinamento da bondade está sobre sua língua. Ela observa a conduta de seu lar e não come o pão da ociosidade. Seus filhos levantam-se e a aclamam; seu marido a enaltece [dizendo]: “muitas filhas têm feito obras meritórias, porém tu superaste a todas elas! O encanto é enganoso e a beleza nada vale; uma mulher temente a D’us é a que deve ser louvada. Elogiem-na por suas realizações, e que suas obras louvem-na nos portões.” (PROVÉRBIOS 31 vers.10-31).

Identities judaicas e literatura judaica ortodoxa publicada em português

Os judeus ortodoxos podem ser divididos em moderados, extremos e ultra-ortodoxos na medida em que aumentam as práticas religiosas que unem seus seguidores, separando-os da sociedade maior. Os costumes judaicos asquenazitas e hassídicos têm origens europeias;

já as tradições sefarditas, originariamente espanholas, são costumes ditados por lideranças institucionais de judeus oriundos de regiões árabes e demais países orientais.

Os livros judaicos ortodoxos em português destinados ao público feminino são publicados por pequenas editoras judaicas ortodoxas. A maioria desses livros são traduções de edições já publicadas anteriormente no exterior. Somente os livros publicados pela Editora Sêfer e pela Editora Maayanot são adquiridos facilmente pela internet.

Quadro 1: Livros judaicos ortodoxos publicados em português

LIVROS AUTORES	ORIGEM GEOGRÁFICA IDIOMA ORIGINAL - EDITORA
<i>Sebe de rosas</i> (1993) Autor: Norman Lamm	EUA – original em inglês. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. – Editora Colel.
<i>O segredo da feminilidade judaica</i> (1993 - 1997 - 2005) Autora: Tehilla Abramov	ISRAEL – original em inglês. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado e parágrafos em alfabeto hebraico. – Editora Colel.
<i>Alternativas judaicas no amor, namoro e casamento</i> (1995) Autor: Pinchas Stopler	EUA – original em inglês. Edição texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. – Editora Colel.
<i>Duas metades de um todo</i> (1999) Autor: Rabino Yirmyáhu Abramov e Tehila Abramov	ISRAEL – original em inglês. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. – Editora JME.
<i>A voz de Sara</i> (2000) Autora: Tamar Frankiel	EUA – original em inglês. Edição texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. - Editora Maayanot.
<i>Uma parceria na dinâmica da criação</i> (2003) Autor: Menachem Mendel Schneerson	EUA – original em inglês. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado – Editora Colel.
<i>Mulheres da Bíblia</i> (2004) Autor: Shelomo Avineri	ISRAEL – original em hebraico. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado – Editora Sêfer.
<i>Kitsur Dinei Tahará</i> (2009) Autor: Leis editadas sob os auspícios do Rebe de Chabad (Menachem Mendel Schneerson)	ISRAEL – original em hebraico. Edição do texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado e edição adicional em português brasileiro com anexo do texto original em alfabeto hebraico. – Editora Maayanot.
<i>Uma família, duas idéias</i> (2013) Autor: Rony Dayan	BRASIL - original em português brasileiro. Edição texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. – Editora Maayanot.
<i>Casamento com compromisso</i> (2014) Autora: Esther Jungreis	EUA – original em inglês. Edição texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterado. – Editora Bait.
<i>Bat Mitsvá</i> (2014) Autora: Pessy Gansburg	BRASIL – redigido em inglês e traduzido ao português brasileiro com termos em hebraico transliterado e textos em alfabeto hebraico (bilíngue) – Centro Novo Horizonte.
<i>Maim Haim</i> (5774 /2014) Autor: Haim Dichi	BRASIL – texto em português brasileiro com termos em hebraico transliterados e textos em alfabeto hebraico (bilíngue) – Editora Revista Nascente.

Identidade feminina judaica ortodoxa nos textos publicados em português

Nos livros de liturgia judaicos ortodoxos publicados no Brasil, as traduções são fidedignas à literatura rabínica. As primeiras páginas desses livros trazem textos com bênçãos de júbilo que agradecem “por não ter sido criado gentio”, “por ser hebreu” e “por não ser mulher” (SIDUR TEHILAT HASHEM, 2014 p.8). Os livros de rezas dos judeus ortodoxos moderados geralmente contêm a bênção substitutiva feminina, em que a mulher agradece “por ter sido criada de acordo com a vontade do criador”.

Os discursos carismáticos judaicos ortodoxos moderados apresentam a homofobia bíblica, que classifica a homossexualidade masculina como abominação, como valores que fundamentam o universo simbólico judaico ortodoxo. Os valores tradicionais afrontam o desenvolvimento dos direitos humanos universais, a diversidade de escolhas, o desconhecido e a aceitação de novos contextos sociais.

No livro *Mulheres da Bíblia*¹, do Rabino Shlomo Avineri, apresentam-se personalidades femininas bíblicas as quais se atribui o mérito da continuação do povo judeu. Com um discurso carismático, esse autor explica que as mulheres são mais elevadas do que os homens e, por isso, não precisam rezar e estudar da mesma forma que eles. O autor é contra a concorrência de mulheres a cargos públicos e prega a modéstia das vestimentas femininas, que cobrem as mulheres dos pés à cabeça. A literatura judaica ultraortodoxa geralmente não publica fotos femininas.

Os livros das editoras de instituições judaicas ortodoxas extremas Bait, Colel e Maayanot louvam a submissão e o recato feminino, o que pode possibilitar que as mulheres se sintam importantes, na medida em que se restringem e se negam a conversar com homens e frequentar ambientes públicos.

A atitude feminina – a imposição pelos indivíduos do sexo masculino de que obedeçam aos padrões de discursos carismáticos – revela o modelo feminista às avessas: as mulheres orgulhosamente declaram a importância de se cobrirem mais que o exigido pelas autoridades rabínicas. A homofobia bíblica e orientações sexuais minoritárias são tabus e contribuem para que comportamentos ditos não permitidos sejam considerados problemas emocionais suscetíveis de tratamento.

Não há diálogo sobre diversidade de gênero no judaísmo ultraortodoxo. O discurso carismático polariza os sexos e estabelece os deveres de cada identidade. As variações sexuais são entendidas como características espirituais de níveis místicos, que se revelam fisiológica e psicologicamente, não justificando o livre-arbítrio pretensamente garantido pelos direitos civis. Segundo a ótica do discurso carismático judaico ultraortodoxo, o livre-arbítrio permite a realização de práticas abomináveis, garantidas pelo respeito à autonomia legitimada como direitos civis.

A exegese da Bíblia Hebraica é estudada por homens e mulheres; as mulheres se dedicam a estudar alegorias bíblicas e manuais de leis cotidianas, e somente os homens estudam discussões do desenvolvimento das leis judaicas nos textos rabínicos.

¹ Publicado pela Editora Sêfer (Cf. tabela dos livros analisados).

O livro *Maim Haim*², publicado pela Editora Mekor Haim, sobre leis de pureza familiar, é um manual prático que ensina à mulher as épocas em que está autorizada a ter relações sexuais com, e somente com, seu próprio marido. Esse livro entrega à mulher a responsabilidade pelas relações sexuais conjugais, sugerindo que, em casos de dúvidas, sempre procure uma autoridade rabínica competente.

Vale lembrar que a impureza relacionada ao sangramento uterino feminino proíbe somente o contato marital. Não existe proibição para as mulheres menstruadas tocarem seus pais, avôs e filhos. Os judeus ultraortodoxos não tocam mulheres que não sejam de sua própria família. Os judeus ultraortodoxos inclusive evitam falar com mulheres³.

As mulheres que rezam citam a bênção substitutiva feminina, na qual a mulher agradece “por ter sido criada de acordo a vontade do criador”, como exposto anteriormente. Às mulheres sefarditas é proibida a prática de costumes decretados aos homens, porque é entendido que, uma vez que a mulher não necessita realizar tais práticas, se citar essas bênçãos, estará desrespeitando a proibição de citar o nome hebraico do Criador em vão.

Assim como entre as judias ultraortodoxas asquenazitas e hassídicas, as judias sefarditas se dedicam a estudar alegorias bíblicas e manuais de leis cotidianas, enquanto os homens estudam discussões do desenvolvimento das leis judaicas nos textos rabínicos.

O livro *Uma parceria na dinâmica da criação* (2003)⁴ apresenta uma coletânea de textos do líder mundial do Movimento Chabad-Lubavitch (movimento hassídico). Em um dos textos, o Rabino Menachem Mendel Schneerson explica que as mulheres não deveriam ficar em automóveis somente com um motorista. A solução surge na nota de rodapé: as mulheres são instruídas para chamar táxis dirigidos por mulheres (como se esse serviço, comum em Nova Iorque nos Estados Unidos e em São José do Rio Preto SP no Brasil, fosse mundial).

É interessante constatar que existem mulheres que não optam orar a alternativa da bênção para as mulheres, que está escrito o texto “que elas foram *criadas* de acordo com a vontade do Criador”. Talvez elas desconheçam o significado do que rezam. Outras afirmam crer que como a bênção feminina não está no livro de rezas, por motivos místicos, elas devem rezar a bênção como está escrita, ou seja para os homens: “agradecendo não terem sido criadas mulheres”.

O livro *Uma família, duas idéias* (2013) sugere o diálogo em uma família com deveres e responsabilidades divididos de acordo com as capacidades pessoais e cujo objetivo compartilhado é a obediência às leis e costumes prescritos pelas autoridades rabínicas.

O respeito à diversidade étnica, cultural e física é evidente nas revistas do Movimento Chabad-Lubavitch, que apresentam fotos de não judeus e de mulheres. O Beit Chabad Central desenvolve um programa de beneficência, favorecido por incentivos fiscais, que atende a não judeus.

² Publicado pela Editora Mekor Haim (Cf. tabela dos livros analisados).

³ Talmude Babilônico Tratado Avot (1:6) – “Não aumente em conversa com a mulher.”

⁴ Essas orientações encontram-se na página 7 e em nota de rodapé do livro *Uma parceria na dinâmica da criação* (2003).

Assim como os judeus ultraortodoxos e os sefarditas, no judaísmo ortodoxo extremo hassídico as mulheres se dedicam em analisar alegorias bíblicas e estudar leis religiosas cotidianas em publicações recentes, por exemplo, nos livros apresentados nessa pesquisa, enquanto que os homens são iniciados ao estudo de textos do Talmude Babilônico e introduzidos no desenvolvimento da hermenêutica do pensamento judaico.

Considerações finais

A sequência bíblica hebraica apresenta a origem da mulher como uma criação feita a partir de uma parte do corpo do primeiro humano, Adão, oriundo da terra, identificado como “macho-fêmea” (a fêmea é a segunda na ordem). Posteriormente a narrativa bíblica relata que uma parte, um lado desse corpo, hermafrodita (intersexo bissexual, andrógino), foi usada para criar a primeira mulher, Eva. Em Gênesis 2:18, Eva é descrita como um ser criado com o objetivo de “auxiliar”, criado em “contraposição” a Adão, para ser a matriz geradora da humanidade.

Como em um jogo de palavras, entende-se porque muçulmanos, até os dias de hoje, destituem as mulheres de humanidade, afirmando que humanos são os corpos masculinos, como se esses fossem semelhantes ao primeiro corpo humano hermafrodita de Adão.

A palavra “auxílio”, da mesma forma, pode ser interpretada para cumprir um objetivo de legitimar a inferioridade de uma ajudante, a superioridade da provedora de auxílio e a cumplicidade entre os envolvidos. Contudo, a figura mítica feminina já no final da Bíblia Hebraica, no livro Provérbios 12:4, assume outra dimensão. A mulher torna-se especificamente um objeto ou uma moléstia. Quando a mulher é virtuosa, é comparada a um adorno (coroa) de seu proprietário (marido) e, quando é má, é comparada a uma doença, a podridão dos ossos de seu dono.

O costume romântico da tradição de entoar o canto *Eshel Hail*, que representa a “Mulher Virtuosa” (Livro de Provérbios 12:4), pelos homens judeus ortodoxos, todas as sextas-feiras à noite, antes do jantar de consagração do sétimo dia, como canto de louvor à suas esposas, perpetua a transmissão desses valores sexistas através de costumes consagrados e tradições religiosas, de geração em geração.

Os conflitos sexistas manifestam-se na Bíblia Hebraica e na literatura judaica ortodoxa priorizando os direitos dos homens na sociedade. No judaísmo ortodoxo, as atividades cotidianas representam a concretização da vontade divina em conformidade às leis rabínicas, reinterpretadas continuamente por lideranças masculinas institucionais. Termos sexistas, depreciativos femininos confirmam a necessidade do homem de sobrepor-se às mulheres para dominar, submeter e obter a cumplicidade absoluta dessas para atender um pacto masculino, que determina, entre os homens, jogos de poder na perpetuação do sêmen de cada um deles e a participação de sua prole na sociedade.

Na mitologia grega, as figuras míticas femininas tornaram-se secundárias no panteão, após a morte de Agamenon. As sereias assexuadas e inférteis, que atraem para a morte os navegantes, também são citadas na tradição judaica. A narrativa da gravidez

milagrosa de mulheres, por exemplo, entre os gregos Apolo, filho de Zeus, e, entre os judeus Jesus Cristo, filho de Deus, são semelhantes. A figura maternal sofredora, que chora pelos filhos, derrama lágrimas pelos descendentes e pela humanidade, consagra o sofrimento feminino sem representar nenhuma autonomia e emancipação feminina.

A emancipação ocorre através da autonomia, pela inclusão da mulher no mercado de trabalho quando capacidades cognitivas, motoras e disposição para determinado cargo prevalecem sobre as características sexuais. A participação da mulher na sociedade, como consumidora de um mercado cada vez mais global, catalisa a emancipação feminina.

As múltiplas escolhas e diversidade de produtos nos ambientes cosmopolitas proporcionam a pulverização de tendências que definiam comportamentos provincianos, tradicionais e religiosos e suas identidades sexuais. Nesse contexto, as identidades são remodeladas através de uma cultura pós-moderna fluida, em que o que importa é o aqui e agora, sem preconceitos tradicionais.

As instituições religiosas clássicas determinam comportamentos e leis através da hermenêutica de seus dogmas, preceitos e preconceitos religiosos. O humanismo implica a secularização das religiões, a criação de novas religiosidades e acredita em princípios que reconhecem a autonomia e a alteridade para formulação de leis que possam garantir a segurança ontológica, preservando o respeito à diversidade (equivalência de direitos nossos e dos outros) em uma sociedade cosmopolita e globalizada.

O perfil andrógino de bancos de dados - a identificação dos usuários pelos itens de interesse e produtos consumidos e não selecionados primariamente pelo sexo e origem étnica e geográfica - estimula o desenvolvimento de pesquisas teológicas criacionistas de investigação literária de textos bíblicos. A adaptação bioquímica, hormonal e morfológica de corpos, para responder a uma identidade sexual psíquica alternativa de seus portadores, desconstrói paradigmas nos quais a sexualidade era definida biologicamente. Nesse contexto, esses indivíduos, quando acolhidos pela comunidade judaica ortodoxa, fazem emergir a reavaliação das liturgias, bênçãos e atividades religiosas destinadas a eles.

Teólogos, místicos e outros adeptos dos textos bíblicos procuram manifestações e expressões literárias que pareçam andróginas e sexualmente indefinidas na ortografia e na sintaxe dos nomes divinos. O reexame da nomenclatura divina tem como objetivo encontrar uma justificativa criacionista sobrenatural para legitimar novos comportamentos como tendências humanas místicas.

Nos textos examinados, a identidade religiosa determinada pelas lideranças institucionais se sobrepõe às identidades sexuais e origens étnicas de fiéis originários e de conversos. Na emancipação feminina religiosa, na perspectiva humanista, ou seja, na secularização religiosa, em que toda pessoa, independentemente de suas características físicas e sexualidade, é um ser humano, o feminismo é entendido como a emancipação feminina que concede direitos religiosos equivalentes a homens e mulheres.

As tradições religiosas judaicas ortodoxas perpetuam valores culturais. A identidade feminina no canto bíblico “Mulher Virtuosa” exalta que a beleza é uma mentira (PROVÉRBIOS 31: 30).

As mulheres que defendem essas tradições fundamentam uma atitude de feminismo às avessas aplicado à prática religiosa, um paradigma no qual a mulher, submissa à simbologia sexista masculina religiosa, apegando-se à ilusão de que – apesar do chauvinismo dos textos consagrados, a mulher multitarefa, que sustenta o lar para que o marido sentisse nos portões e legisse nos tribunais da cidade – é cúmplice do criador, tendo o poder de dominar os homens.

Assim, o feminismo religioso é uma manifestação feminista às avessas, um comportamento de submissão e cumplicidade das mulheres a uma doutrina fundamentalmente masculina, em um contexto no qual a idéia de emancipação feminina é imposta à mulher como o poder de cumprimento as leis judaicas ortodoxas, de que seja simbolicamente a responsável pelo sucesso e/ou culpada pelo fracasso da transmissão de uma hipotética vontade divina literalmente chauvinista.

GUERTZENSTEIN, D. S. S. Feminine Identity in Brazilian Orthodox Jewish Literature. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 11, n. 2, p. 179-193, 2019. ISSN 2177-3807.

Referências

ABRAMOV, Y.; ABRAMOV, T. *Duas metades de um todo*. São Paulo: Editora JME, 1999.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *O Iluminismo como mistificação de massa*. In: LIMA, L. C. *Teoria da cultura de massa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 159-208.

AVINERI, S. *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Editora Sêfer, 2004.

BARDIN, L. *A análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1970.

BAUMAN, Z. *Globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BENJAMIM, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, L. C. *Teoria da Cultura de Massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990. p. 209-240.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Oieras: Celta, 1999.

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2015.

- DAYAN, R. *Uma família, duas idéias*. São Paulo: Editora Maayanot, 2013.
- DICHI, H. *Maim Haim*. São Paulo: Editora Revista Nascente, 2014.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FRANKIEL, T. *A voz de Sara*. São Paulo: Editora Maayanot, 2000.
- FREUD, S. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais [1916]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Edição Standard v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 325 – 342.
- _____. A dissolução do Complexo de Édipo [1924]. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, edição Standart v. XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 189–199.
- GANSBURG, P. *Bat Mitsvá*. São Paulo: Editora Centro Novo Horizonte, 2014.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GRAMSCI, A. *Cartas do cárcere*. Publidisa: Estaleiro Editora, 2011.
- HEBREW BIBLE. According to Massoretic Text and JPS 1017 Edition. Jerusalem, Israel: Editora Mechon Mamre, 2016.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNGREIS, E. *Casamento com compromisso*. São Paulo: Editora Bait, 2014.
- KANT, I. *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1973.
- LAMM, N. *Sebe de rosas*. São Paulo: Editora Colel, 1993.
- LÉVY, P. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LIMA, L. C. *Teoria da Cultura de Massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SCHNEERSON, M. M. *Uma parceria dinâmica na criação*. São Paulo: Editora Colel, 2003.

_____. *Kitsur Dinei Tahará*. São Paulo: Editora Maayanot, 2009.

SIDUR TEHILAT HASHEM - com Salmos traduzido e transliterado. Rio de Janeiro: Sexta Edição. Editado por Merkos Linyonei Chinuch, 2014.

STOPLER, P. *Alternativas judaicas no amor, namoro e casamento*. São Paulo: Editora Colel, 1995.

QUINT, E. *A Restatement of Rabbinic Civil Law - Vol IX*. Jerusalém, Israel: Gefen Publishing House, 2009.

Recebido em: 18 set. 2019

Aceito em: 23 out. 2019